

Novo diamante americano



A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1500 réis o par. Lindos collares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)



Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, aformoseados, fortificados com **Pilulas Orientaes**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas. **J. Rafis, Ph. S, Passage Vendau, PARIS.** Frasco com instruções, 15500 rs. Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

Companhia do

Papel do Prado

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobretimbo (Chomar), Benedot Casal d'Hermito (Louza), Dalle Maior (Albergaria a Velha).

Installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especificas de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51



Ender. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO PRADO—PORTO—LISBOA Numero telephonic: 508

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES—FORNECEDORES da CASA REAL



NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS

PRINCIA VIOLET



VIVITZ
L^T. RIVER
Essence Savon Poudre a Riz
Lotion Sachets

MADAME BROUILLARD

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard.



DA consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete, 43, rua do Carmo, 43, sobre-loja. Consultas a 15000 réis, 25500 rs. e 55000 réis.

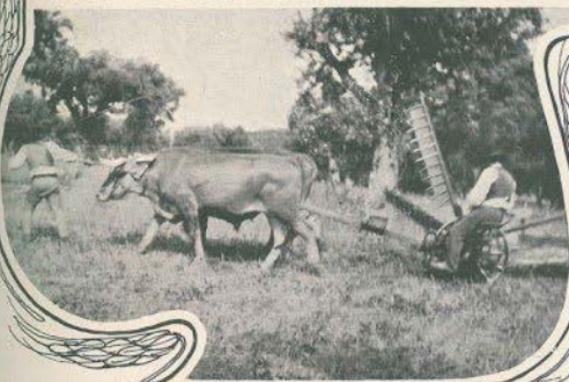
Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, phronologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigney. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. *****

43, Rua do Carmo, sobre-loja

***** LISBOA *****

Piolet SABÃO REAL DE THRIDACE
PARIS Sabão "Veloutine"
Recom. pelas autoridades de Hygiene na Pelle e Alveara da Boca.

VELHA DEBULHA



eiras com todo o pittoresco das cousas ingenuas, naturaes e campesinas.

Antes que o ruido irritante da ceifeira mechanica e da debulhadora afoguem de todo as cantigas da cachopas e os gritos alegres e fortes dos conductores do gado girando sobre as louras paveias, photographemos para um capitulo da ethnographia nacional a velha debulha moribunda.

A descripção será despida de litteratura. Os leitores com a visão das suas provincias é que hão de vestil-a, dar-lhe a côr e o movi-

Ceifeira mechanica em trabalho

ACABOU-SE o mez das ceifas e das debulhas. Ceres já não anda pelos campos de foice na mão e espigas de braçado.

O trigo está nos celleiros e Baccho principia já a escolher os pampanos viridentes com que ha de enfeitar o seu tonel.

Fixemos, antes que desapareçam, os antigos processos, quasi mythologicos, das nossas primitivas debulhas, que a machina moderna — Minotauro da civilisação — vae afugentando das nossas



Trilho debulhando

mento do povo e da paizagem que os seus olhos melhor conheçam e o seu coração mais queira.

A technica da debulha é primitiva e incommoda para homens e para gado. As eiras são todas de terra e, na occasião de se tornarem precisas, endurecem-se ou consolidam-se pelo seguinte processo: ensopam-se em agua até fazer lama. Em seguida marcham cabras sobre ellas durante as horas necessarias para o seu quasi completo enxugo. Pouco a pouco, enquanto dura esta operação, espalha-se sobre a eira moinha de palha da debulha anterior, que é guardada expressamente para este fim. E' um processo de maior e mais rapida consolidação do solo.

Quando a terra já não faz lama, mas ainda está branda, retira-se o gado e o chão é batido a maço e a enxada ou passa-se-lhe por cima um rolo. Não convém deix-a exposta ao sol sem debulha. Attenta a temperatura da estação, gretaria toda, abandonada a si. Logo, pois, que se acabe o alisamento, e se tudo correu como devia, dispõe-se o calçadouro que no dia immediato será trabalhado. Começa-se sempre a debulhar pelos cereaes mais baratos, porque das



Separando a palha mais grossa

primeiras vezes sempre fica algum grão enterrado, e antes elle seja do mais inferior do que do mais caro.

E' obvio que uma eira de pedra e cal, ou de beton ou outra substancia similar, sempre prompta a funcionar, era muito mais commoda e todas as operações que n'ella se executassem seriam mais perfectas. Pela primitiva forma succede muitas vezes, quasi sempre, que, por partes, o solo fica solto e entra no celleiro como genero uma boa percentagem de terra. Acontece tam-



Estas *cobras* é que percorrem a eira em todos os sentidos, executando a debulha. Com tudo isto se perde immenso tempo.

O gado, ainda que manso, é naturalmente arisco, e primeiro que se consiga trazer a *cobra*, leva seu tempo. Depois, primeiro que se habitue a andar e voltar, conduzido por um só homem para cada fila, gasta-se um tempo precioso em embulhadellas, voltas apertadas d'encontro ás trincheiras, etc., além do perigo de quaes-

quer coices, rasgadellas ou outros accidentes entre o proprio gado.

Outro mal certo é o da perda do grão comido pelo gado, que pode montar a uma somma consideravel de alqueires. Ha lavradores que affirmam ser maior esse prejuizo do que a differença entre o preço da compra dos cavallos de debulha antes do trabalho e a venda depois. As operações da eira soffrem com este systema e o gado não se sente menos.

E' contar com um abatimento certo de carnes e muitas vezes esfalfadellas, quando não é cousa peor. A imperfeição technica e economica d'estes trabalhos pode evitar-se na gran-



O vento afasta a palha meada, que os trabalhadores levam nas forquilhas
—A moinha leva-a o vento; vae-se apurando o trigo...

bem que, não ficando nivelado o terreno, antes ás covas, os instrumentos taes como ancinhos, forquilhas, burras, etc., se deterioram mais depressa e não fazem serviço perfeito, necessitando maior somma de trabalho e paciencia, que, faltando, dá em resultado perda de genero para o lavrador.

A debulha em geral faz-se á pata de cavallos das manadas da casa de lavoura ou comprados expressamente nos mercados mais proximos e entre os specimens mais baratos; ou, nas propriedades maiores onde ha gado bovino charnequeiro, á unha de vacca.

No primeiro caso atrelam-se dois a tres cavallos a trilhos onde se assenta o conductor ou que é governado de fóra á guia; n'outras eiras é simplesmente o cavallo sem outro qualquer auxiliar mechanico quem executa todo o trabalho, ligando os animais uns aos outros em *cobras*.

No segundo caso, as vaccas conduzidas á eira são, depois de laçadas, amarradas pelo pescoço a uma corda *ad hoc* (*cobra*), formando fila de 5 a 7 cabeças.

A esta operação dá-se o nome de *encóbrar*.



Finalmente! O trigo em monte e os trabalhadores fazendo as ultimas limpezas com a pá e os ancinhos

de propriedade que dispõe de capitaes suficientes para dispendir em machinismo.

Na média e pequena cultura, enquanto a associação não entrar nos hábitos é difícil obviar a esses inconvenientes economicos graças aos quaes ainda podemos observar o pittoresco dos costumes de outr'ora.

Nada é mau completamente, nada é bom em absoluto!

Deus meu! a perfeição não é d'este mundo!

Durante o trabalho das vacas é o calca-douro voltado em geral duas vezes, por forma a ficar voltada para cima a parte que contactava com o chão.

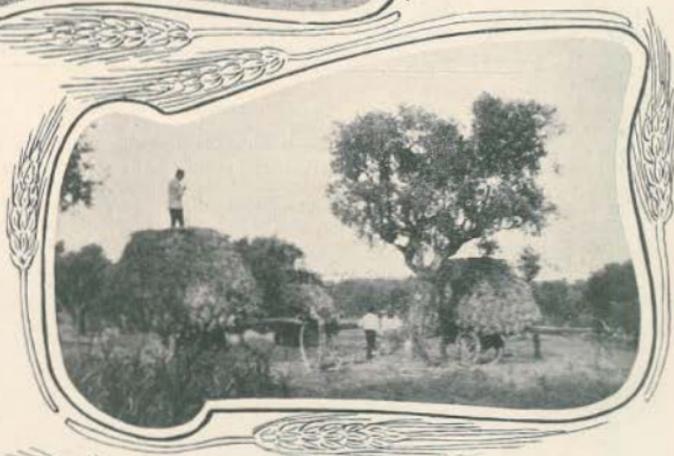
Quando o grão foi todo extra-hido da espiga, o que leva um tempo proporcional á rizeja do grão, á barba da espiga e á temperatura do dia, e quando a palha se apresenta bem machucada e dividida, tira-se a maior camada de palha para fóra da eira com a ajuda das forquilhas Com o auxilio indispensavel do vento, por apuros successivos do grão, separado por gradações da palha maior, da mais meuda, da moinha e do cacho (espigas inteiras que escaparam) deve um calca-douro de trigo encelleirar-se ás 7 ou 7 e meia da noite.

Quando o trigo já está em



monte, procede-se a uma ultima limpeza, que consiste em o ir *fadejando* sempre para deante, ao mesmo tempo que com umas pequenas vassouras—*córnos*—se vão extrahindo impurezas.

A palha accumula-se ao lado e fóra da eira para onde o vento dominante a leva. De dias a dias peza-se na velha balança romana amarrada a um barrote em equilibrio instavel nos troncos d'uma arvore. Nos carros armam-se as redes que a hão de prender até



*Pezando a palha em rédes
—Prompto! Pódem pôr-se os bois aos carros.*

ao palheiro do comprador. Com enormes forquilhas atira-se a palha para dentro das redes onde é fortemente calcada a pés de homem. Alta madrugada seguirão os carros, chiando lamurientos, estrada fóra...

Voltemos ao trigo, que é o principal...

Vem depois o capataz da eira medir o grão emquanto chega o carro que leva para o celeiro em saccos de linhagem o trigo apurado do dia.

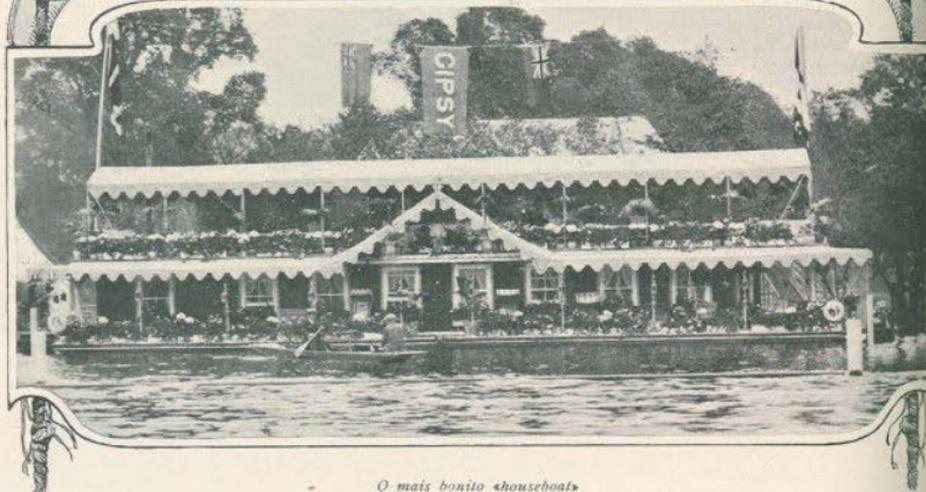
Fechada a porta, visita-se a adegas onde o vinho fresco indemnisa os rudes trabalhadores da faina de todo o dia sob o sol terrivel d'um julho ardente.

E o trigo lá fica descansando poucos dias na sua ultima *étape* rustica, antes de ser entregue ás inesthetics, brutaes fabricas de moagem que n'um pavoroso barulho o convertem em farinha que nos dá o pão nosso de cada dia.



*Carregando um carro de palha á antiga portugueza
(CLICHÉS DE D. LUIZ DE CASTRO)*

LA POR FÓRA AS REGATAS DE HENLEY



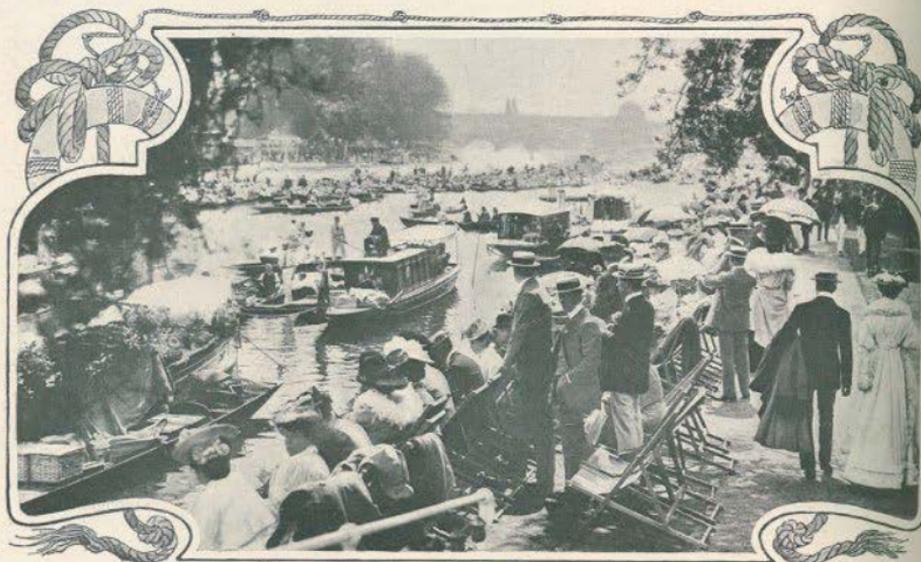
O mais bonito «houseboats»

HENLEY, povoação sobre a margem do Tamisa a 12 leguas de Londres e a mais de meio caminho de Oxford, é principalmente notavel pelas suas grandes regatas annuaes. Como todos os lugares destinados a um genero especial de *sport*, vive mais intensamente durante uma semana do anno, e a chamada *Semana d'Henley*, no mez de julho, é sem duvida uma das mais brilhantes da *season*.

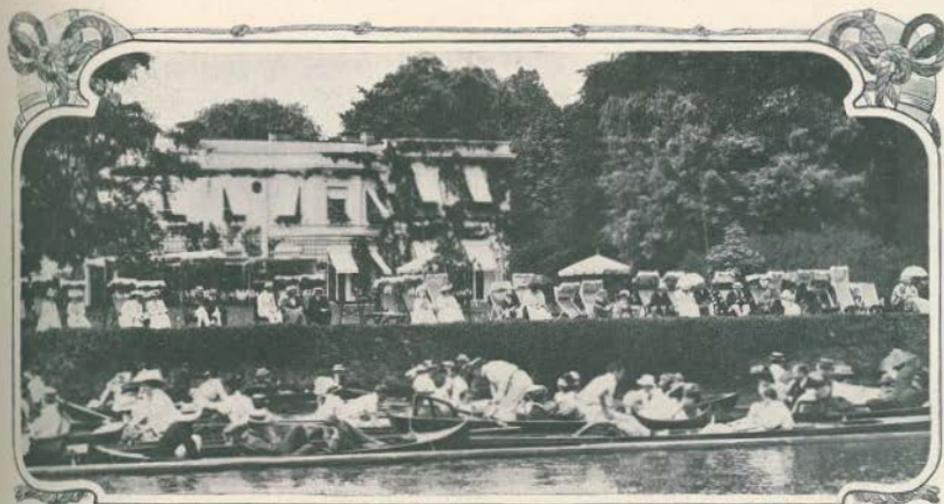
A sua situação é privilegiada; assenta junto a uma

elegante ponte que liga as duas margens, no extremo de uma recta que tem por limite do lado opposto, a mais de uma milha, um gracioso *belvedere* de onde partem os barcos em regata, podendo assim ser vistos em todo o percurso.

A pequena distancia da ponte logo depois do Red Lion Hotel, impõe-se a vasta e bella instalação do «Phyllis Court Club», o mais aristocratico d'Henley. No meio do extenso e frondoso parque ergue-se a



Margem do Tamisa durante as regata



Edifício e jardins do Phyllis Court Club

ca, cheia do conforto e bom gosto que o inglês sabe dar a tudo que o cerca e muito especialmente aos lugares de prazer requintadamente elegante. Rodam-no soberbos tapetes de relva d'um verde admirável de viço, que se prolongam até á barbacan que orela o rio, de onde os socios, commodamente, á sombra do copado arvoredo, vão assistir ás regatas de maior interesse.

Por sobre aquella relva fresca, em torno de pe-

quenas mezas sobre enormes guarda-soes escarlates e brancos de grande destaque, reúne-se á hora do chá uma multidão movimentada e chilreante em que abundam rapazes e raparigas n'uma alegria franca e n'uma promiscuidade encantadoramente despreocupada.

De noite o fogo e as iluminações são brilhantes, principalmente na ponte e n'este club que se engrinalda de vistosos balões japonezes, havendo na noi-



Aspecto da explanada do Phyllis Court Club durante a regata



A margem destinada á feira. Veneza em Inglaterra: uma gondola

te de sexta-feira um grande baile. A quota annual do club é elevadissima, utilizando-se os socios durante o anno apenas para ali irem almoçar em dia destinado a passeio no rio. Por cada amigo que apresentem durante as regatas pagam o melhor de 3 libras!

Toda esta margem é povoada de salgueiros cuja rama desce até á agua, offerecendo acariciador abrigo aos passeantes dos pequeninos barcos que para ali vão luncnar á hora de maior calma. Acostam ao longo d'esta mesma margem, vedada ao publico, um ou outro yacht a vapor tendo a bordo o abastado proprietario e seus amigos, e os originaes *House-boats*, grandes barcaças tendo em cima uma casa.

Toda a gente rica de bom gosto que não possua casa em Henley, aluga ali uma *villa*, pagando por seis dias o preço d'um anno, e lá se installa com o grupo dos seus convidados. Os mais abastados preferem os *House-boats*, no que gastam, n'aquella semana, alguns contos de réis do seguinte modo: bem simples. Escolhido o barco é mandado ornamentar a capricho e em despique com todos os congeneres; os pequeninos quartos, cujas janellinhas deitam sobre o rio, passam ás mãos d'um estofador de fama que os transforma completamente; o terraço coberto, que

encima a pequena casa fluctuante, é entregue aos cuidados de um florista á moda que os ornamenta artisticamente com bandeiras, palmeiras, flôres cortadas e plantas em flôr em que abundam os gerânios de todas as especies. E' dada a posse á criadagem encasacada e dentro em pouco chegam em bando de automoveis ou mesmo em comboio especial o *host* e seus convidados (*guests*), entre os quaes se contam sempre as mais bellas raparigas e os rapazes que melhores provas de espirito tenham dado na convivencia. Recebe-os a canção alegre de um sextetto, d'um piano ou pelo menos d'um gramophone, e aquelles dias fogem velozes entre refeições delicadas, uma regata que passa, a conversa interessante, os passeios e o *flirt*; as noites evolvem-se docemente com o perfume do café no terraço, as espiraes de fumo de havanos caros, a vertigem d'uma valsa, o deliquio d'um furtivo beijo, o som das serenatas no rio!...

Termina a festa; com saudade todos são reconduzidos pelo processo da ida, e aquelles dias deliciosos não mais se esquecem, porque nem o dinheiro nem a imaginação mais fertil sabem creal-os mais bellos e melhores!



Chegada á meta: Os belgas batem os inglezes. Um dos remadores inglezes desmaiado



Nos jardins do Phyllis Court Club, a hora do chá

Atravessamos a ponte, de onde o panorama sobre o rio em festa é simplesmente bello.

Toda est'outra margem, franqueada ao publico, é muito mais ampla. Ao deixar a ponte entra-se n'uma extensa campina de relva onde se depara com um mixto de feira e acampamento originalissimos. Ali se enfileiram desde os reluzentes *mail coaches* e automoveis até ao mais modesto vehiculo de fei-

rante. Encontram-se barracas de toda a especie com theatros, *restaurants*, cafés, quinqueria, etc.

A imprensa tem ali uma enorme installação em barraca de campanha; muitos telegraphistas transmitem, com minucia, precisão e rapidez increveis, aos jornaes de todo o mundo inglez os resultados de cada regata que termina. Seguindo ao longo da margem é-se assaltado pela multidão irrequieta dos



Vista geral do rio na occasião da regata

vendedores ambulantes que em pregões extravagantes, quasi incompreensíveis, offerecem chocolate, fructas, bilhetes postaes, programmas, flores, etc.

Aqui, acolá, attrahe o publico, com os seus gracejos, palhaços, gymnastas, photographos e prestidigitadores.—Em 5 minutos o vosso retrato a crayon por um shilling.—Um retrato instantaneo por um vintem—lê-se por toda a parte.

São bastante originaes: os grupos de homens vestidos de branco, a cara pintada de preto, cantando as mais alegres canções inglezas e americanas, dançando e tocando banjo; os *clowns* em andas altissimas; e o typo da cigana ingleza vestida á época na peor combinação de côres e um chapéu sempre velho phantasticamente emplumado. Por sobre a releva grupos alegres com os seus *lunchs* e merendas, e tudo se passa sem sombra de uma desordem!

Passada a feira comecam as installações, em lona, pertencentes a cada um dos principaes *clubs* de Londres, para recreio dos socios e suas familias. Constam pelo menos de barracas de recepção, de *toilette*, recinto para chá, outro para os barcos privativos do club e uma *terrasse*, onde toca uma orchestra, deitando sobre o rio, de que é separada apenas por uma estreita passagem publica.

No «Grosvenor Club» um dos mais conhecidos, vi com seu pae uma gentilissima compatriota portuense que habitualmente passa a *season* em Londres.

As regatas, que são afinal o menos interessante de tudo para o viajante, duram todo o dia e teem amadores apaixonados que as acompanham em vapor ou a pé pela margem, podendo dizer exactamente em quantas remadas foi feita, a quantas por minuto e por quantas foi ganha!

Correm apenas os barcos espezias, levissimos, variando só o numero dos remadores de 1 a 8.

Batem-se ali denodadamente belgas e allemães contra inglezes, e entre si os alumnos dos varios collegios que constituem as universidades de Oxford e Cambridge e do aristocratico collegio de Eton, inimigos irreconciliaveis em assumptos sportivos.

Segui com interesse apenas a regata internacional *Grand Challenge Cup*, em que fortissimos remos inglezes foram batidos, como no anno passado, por uma tripulação invencivel de 8 belgas. A lucta foi brilhante, cahindo desmaiado ao chegar á méta o celebre vogá inglez D. Stuart, que foi desembarcado em braços.

O ministro da Belgica assistia á ovação feita aos seus compatriotas e estes, n'um rasgo de generosidade, pediram á banda para tocar o «God Save the

King», o que provocou a mais entusiastica manifestação a que ainda assisti em festas de *sport*.

O anno de 1907 não foi propicio á Inglaterra, a America levou-lhe o Derby, a França o golf, as Colonias o cricket, a California o tennis e o proprio remedio foi para a Belgica! Isto não servirá senão de incentivo para novas tentativas e maiores esforços.

Entremos agora n'um *punt* dos muitos que esperam alugador de ambos os lados da ponte. São uns barquinhos leves, de extremos quadrangulares, em madeira envernizada, que se conduzem á vara.

E lá fomos rio adiante vêr mais de perto o que n'elle se passava. E' se forçado a tomar os lados da pista, limitada por longos madeiros á tona d'agua. Escolhemos, é claro, o lado dos *House-boats* para passar em revista a interminavel serie de caras bo-



Em regata

nitas que se debruçam d'aquella extensa fila de terraços fluctuantes. As que se vêem no rio tambem não são para desdenhar, sempre tão frescas nas suas *toilettes* brancas, recostadas sobre almofadas no fundo dos pequeninos barcos, cobrindo-se do sol com vistosos guarda-soes chinezes, lá vão serpeando por entre uma infinidade de embarcações pelo impulso cadenciado de rapazes fortes e córados em mangas de camisa, calça branca e um *foulard* á cinta.

O espectáculo é imponente no seu conjunto. Encontram-se a cada passo gondolas venezianas elegantissimas, escaleres a vapor, barcos embandeirados e floridos conduzindo orchestras, outros um piano, uma harpa e cantores vestidos de dominó e *loup* dando pequenos concertos a troco d'alguns shillings.

Aproximam-se as cinco horas, não faltam os barcos dos vendedores de chá, bolos, fructas e refrescos.

Às 6 horas começa a debandada e o desfile de milhares de barquinhos, o assalto aos comboios de Londres, tambem tem o seu *cachet*.

Oh portuguezes amigos, se alguma vez em julho vos aventurardes a atravessar a Mancha, não olvideis as regatas d'Henley e assistireis a uma das cousas mais bellas do mundo!

FERREIRA D'ALMEIDA.

BRAZIL MODERNO

A NOVA CIDADE DO RIO



O ex-ministro sr. Lauro Muller, com seu filho e o seu sogro, o sr. Antonio Pedro de Andrade, na sua recente passagem por Lisboa

A recente transformação do Rio de Janeiro, pela rapidez com que foi realizada e pelos resultados admiráveis, assemelha-se quasi a um milagre para os que conheceram a cidade de ainda ha quatro ou cinco annos com as suas ruas estreitas e irregulares, a cada passo quebradas por des-elegantes curvas e angulos agudos, cheias de predios sem hygiene e desprovidos de gosto, e a vêem agora completamente modificada em tão curto espaço, inteiramente outra, com avenidas largas e extensas e ruas amplas bordadas de magnificas fachadas monumentaes, toda asseada e brunida, feita em fim de novo.

O proprio cidadão da urbe antiga, encontrando-se transferido, por assim dizer de repente, para a urbe modernizada, não pode deixar de experimentar uma certa surpresa e admiração. No Brazil diz-se, até, com graça e com razão, que os habitantes do Rio de Janeiro estão mudando de cidade sem mudarem de territorio. A's demolições tem seguido tão consecutivamente as novas construcções, a casa velha, atirada a terra, tem sido tão promptamente substituida pela casa nova, que mal houve tempo para dar pela inevitavel solução de con-

tinuidade. Tem-se assim, por um pouco, a mesma impressão estonteante que se recebe na America do Norte, deante da gestação e do nascimento de uma cidade, que brota do solo em meia duzia de mezes, com a mesma facilidade com que, no nosso terreno esteril da Europa exausta, apenas surge, em equal periodo, uma simples casa de dois ou tres andares.

Possuindo uma situação maravilhosa e inexcêdivelmente pittoresca, por ventura sem rival no mundo, devido á sua magestosa bahia, rodeada de rochedos imponentes, e fechada, a toda a distancia do horizon-te, por um arco verde de serranias, o Rio de Janeiro precisava de facto alindar-se interiormente, fazer-se uma cidade moderna, com edificações elegantes e luxuosas, de forma a corresponder ás lisongeiras promessas do seu aspecto ex-



O sr. Lauro Muller com o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto

terior. O poeta portuguez saudando a cidade antiga, dissera-lhe:

Tu és bella cercada de teus montes,
Tu és bella dormindo á fresca sombra
Da mangueira gentil com pomos d'ouro;
São bellas as madeiras de teus bosques;
Tu és bella no cimo de teus morros
A' brisa da manhã sorrindo alegre;
Tu és bella na calma de teus rios;
Em as tuas florestas, em teus comoros,
Prinzeza americana, és bella em tudo!

Era então a belleza natural, que o poeta cantava apenas, a pompá do scenario que rodeava a cidade, a admiravel cinta de montes que a engastava, o glorioso tapete da vegetação tropical que a cobria. O agglomerado mesquinho do povoado citadino com a sua construção archaica e lezardenta, esse ainda o desejava mais exactamente o contraste com taes louçanias e gentilezas da prodiga terra americana.

Cheio de vida, de seiva juvenil, cheio de riqueza, insaciavel, por isso, de todos os progressos e melhoramentos, o Brazil comprehendera a necessidade de engrandecer a sua capital de ha muito. Haviã-mo detido estorvos, mas venceu-os afinal, como não podia deixar de ser; e o Rio de Janeiro de hoje já é outro, transformado

como
n'um sonho, de um dia para o outro, — uma cidade nova saída do velho burgo como a borboleta

colorida se metamorphoseou da escura chrysalida.

Hão de querer, contudo, os nossos leitores, principalmente aquelles, e muitos serão decerto, que conhecem de visu a capital do Brazil, que lhes demos pormenores mais precisos das obras realisadas. Vamos pedil-os a uma publicação official da prefeitura do Rio de Janeiro:

«O Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas emprehendeu as obras do porto, e subordinou-lhes melhoramentos, em terra, que são de immensa valia. A abertura da Avenida Central, atravez de dezesseis ruas das mais antigas da cidade, fazendo ruir quinhentos e noventa predios, em sua maioria velhos, obsoletos, ainda que solidos, foi bemfiteoria grandiosa sob o ponto de vista da hygiene, e foi um rasgar de horizontes novos para a architectura civil que difficilmente podia apparecer nas apertadas viellas do Rio de Janeiro. Quanto predio lindo se está edificando, agora, na Avenida Central? E com que rapidez se estão executando as obras de nivelamento, canalisações, arborisação e calçamento! E', até, uma revolução nos nossos costumes essa rapidez espantosa com que se effectua o feliz melhoramento.

A demolição do morro do Castello é outra conquista sem par, outro sonho realisado com surpresa para esta geração.

O saneamento e embelezamento de uma area de 175:000^m2 entre o caes novo e os bairros da Saude e Gamboa, modificados, são trabalho gigantesco e de uma benemerencia inolvidavel.

Que dizer, porém, da somma de trabalhos emprehendidos pela prefeitura no empenho de



O prefeito do Rio de Janeiro, sr. Francisco Pereira Passos, que iniciou a transformação da cidade moderna

to do Canal do Mangue, o aterro e forma-



Predio n.º 38 a 42, propriedade da mitra archi-episcopal do Rio de Janeiro. Architecto, A. Morales de los Rios. Frente sobre a Avenida e Praça Circulas

transformar o acanhado centro commercial da cidade?

Logo que assumiu a administração do municipio, o prefeito nomeado pelo dr. Rodrigues Alves projectou grande numero de obras cuja urgencia se impunha ha muitos annos, e publicou o seu projecto, em folheto, acompanhado de planta, para que fosse bem divulgado e conhecido o plano remodelador da cidade, no ponto de vista do seu saneamento, embelezamento e facilidade de communicações.

Figuravam n'esse plano a abertura de tres avenidas, o alargamento de doze ruas, o prolongamento de tres outras, e de uma travessa, e a canalisação dos rios Carioca, Berquó, Banana Podre, Maracanã, Joana, Trapicheiro e Comprido.

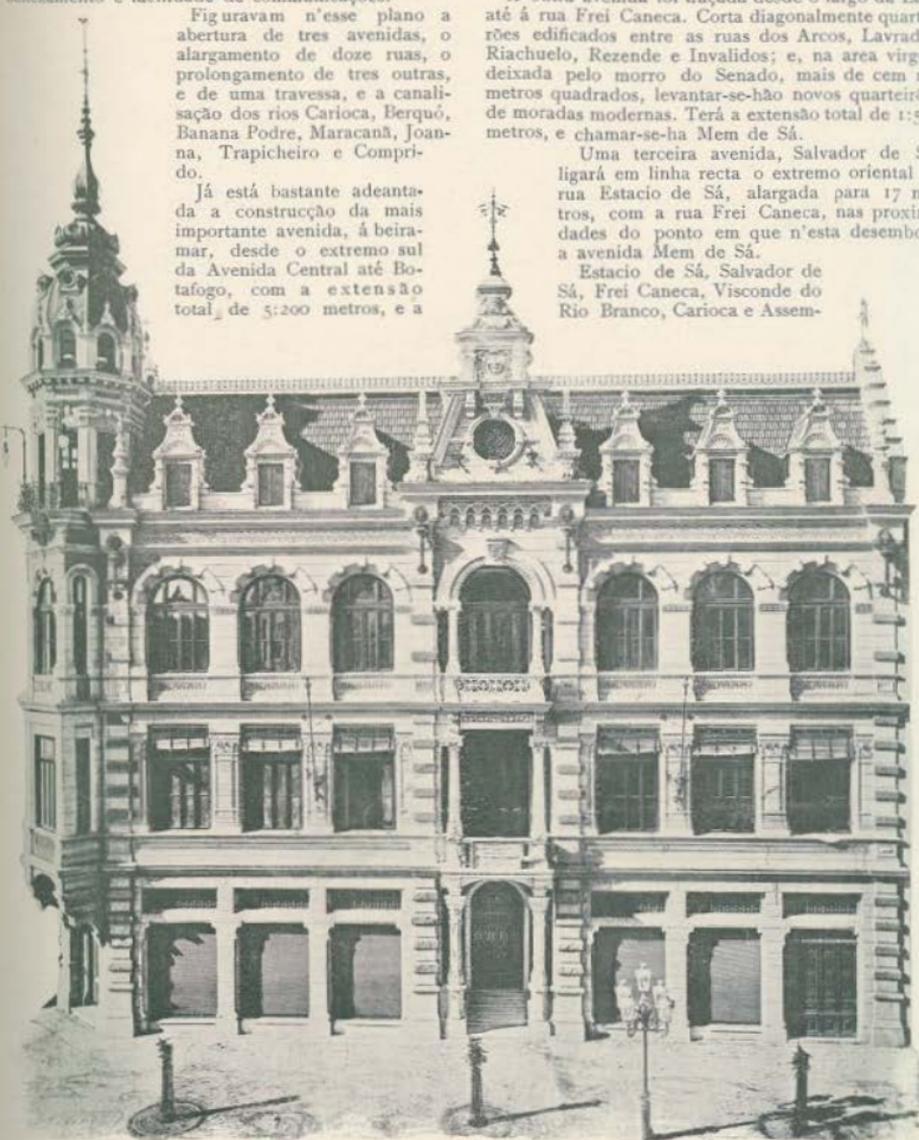
Já está bastante adiantada a construção da mais importante avenida, á beiramar, desde o extremo sul da Avenida Central até Botafogo, com a extensão total de 5:200 metros, e a

largura de 33 metros. Será o mais formoso passeio da cidade. Já vimos como ficou aformoseada ao contornar a enseada de Botafogo, onde termina. Quando, acabadas as obras do porto, se estender no terreno conquistado ao mar outra avenida, começando no extremo norte da Avenida Central, então teremos extenso logradouro arborizado de 10:500 metros, desde S. Christovão a Botafogo, talvez sem igual no mundo.

A outra avenida foi traçada desde o largo da Lapa até á rua Frei Caneca. Corta diagonalmente quarteirões edificados entre as ruas dos Arcos, Lavradio, Riachuelo, Rezende e Invalidos; e, na area virgem deixada pelo morro do Senado, mais de cem mil metros quadrados, levantar-se-hão novos quarteirões de moradas modernas. Terá a extensão total de 1:540 metros, e chamar-se-ha Mem de Sá.

Uma terceira avenida, Salvador de Sá, ligará em linha recta o extremo oriental da rua Estacio de Sá, alargada para 17 metros, com a rua Frei Caneca, nas proximidades do ponto em que n'esta desemboca a avenida Mem de Sá.

Estacio de Sá, Salvador de Sá, Frei Caneca, Visconde do Rio Branco, Carioca e Assem-



bléa, as quatro ultimas todas alargadas até 17 metros pela demolição do lado par, trabalho que já se está executando, formarão longa arteria leste-oeste, de 4 kilometros de extensão, comunicando a pra-

ça 15 de Novembro com o largo de Estacio de Sá, centro de um bair-

ro, e convergencia dos caminhos do Engenho Velho, Tijuca e S. Christovão.

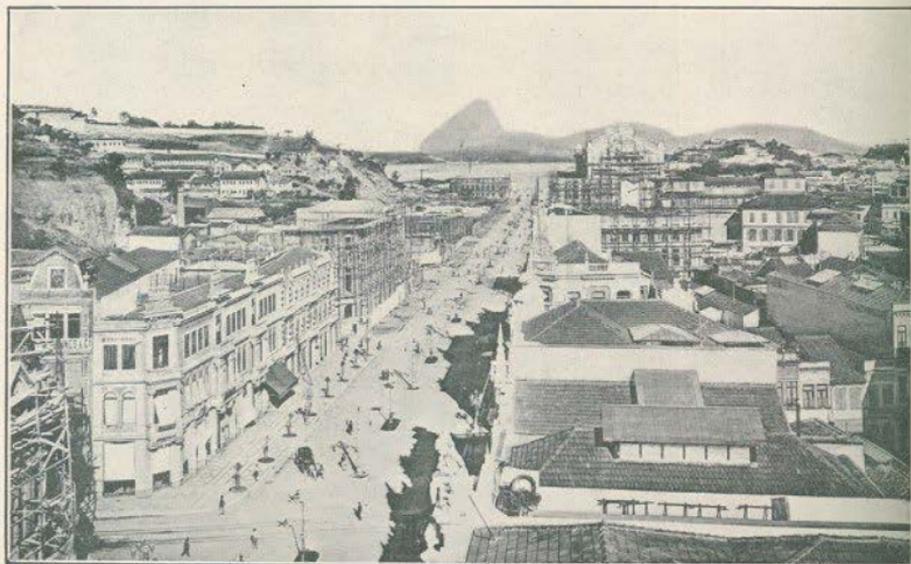
Outra importante arteria leste-oeste já está formada com

o alargamento da antiga rua Estreita de S. Joa-
quim, hoje



*Palácio Monroe—Propriedade do Proprio Nacional, Arc
Marcelino de Sousa Aguiar*

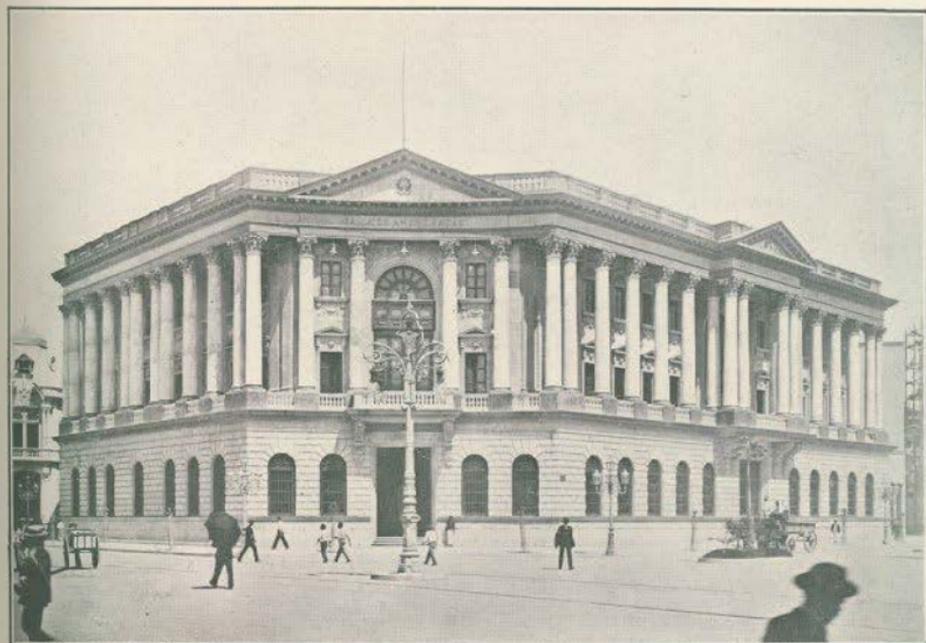
constancias geral, 110001



Avenida Central, vista para o lado Sul



Avenida Central, vista para o lado Norte



Edifício da Caixa de Amortização

Marechal Floriano, seu prolongamento até o largo de Santa Rita, e alargamento da rua Visconde de Inhauma, até o mar. A extensão total é de 1:500 metros com a largura de 23 metros, e comunica o Arsenal da Marinha, o caes dos Mineiros e a Alfandega com a Estrada de Ferro Central do Brazil, e com as longas avenidas do Mangue.

A rua do Sacramento foi prolongada, com 15^m,60 de largura, através das ruas Senhor dos Passos, Alfandega, General Camara e S. Pedro, desembocando na rua Marechal Floriano, em frente á rua Camerino.

Esta, igualmente, está sendo alargada em toda a sua extensão para offerecer passagem franca aos vehiculos que demandam o caes novo ou que do caes novo se dirigem para o centro commercial da cidade. Assim se obtem uma linha folgada de communicações, norte-sul.

A vetusta cidade de becos e pesados casarões somese a golpes de picareta para resurgir transformada, moderna, airosa, salubre. Passaram gerações e gerações deixando-a incolume. Os seculos iam devorando ossadas humanas, e não destruíam o arcabouço da *urbs*. O poder da vontade sup-

priu, porém, a inercia do Tempo, e eil-a de subito mettida em trabalhos de evolução. Não olham desconfiados em torno de si os velhos predios vendo-se ridiculos no meio de outros erguidos, formosos, sobre os escom-



Predio n.º 128-132, propriedade do jornal «O Paiz». Architecto, A. Morales de los Rios

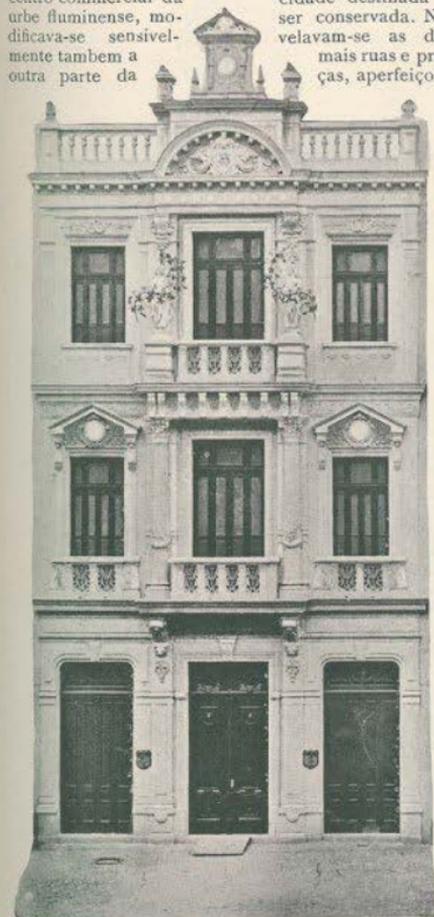
A estreita, escura e sinuosa rua da Prainha, hoje do Acre, foi tambem alargada e prolongada em linha recta até encontrar as ruas Marechal Floriano e Uruguayana. Esta foi alargada em toda a sua extensão desde a rua do Acre até o largo da Carioca, e tornar-se-ha uma via de primeira ordem com 17 metros de largura, optimo calçamento, bella arborisação e bem edificada. A rua Treze de Maio, que no largo da Carioca principia, e que era estreita, escura e miseravelmente edificada, já foi substituída por outra rua Treze de Maio, larga, bem calçada, cheia de luz e de predios bonitos. Assim se conseguiu outra linha folgada de communicações, norte-sul.

bro dos que foram seus contemporaneos: O demolidor leva a oito ruas inteiras para que a oito se edifiquem habitações novas em novos alinhamentos. Rolos de poeira envolvem quarteirões sombrios da velha cidade; e, quando se dissipam essas nuvens tormentosas, apparecem os lineamentos da moderna architectura abrindo alas á vida perpetua do Universo.

Todos os melhoramentos indicados na memoria official estão presentemente realizados e concluídos, e tudo se fez methodicamente e mantendo o escrupuloso rigor de que os orçamentos das obras projectadas nunca fossem exceededos pelo custo das obras executadas. Faziam-se as expropriações quasi

sempre amigáveis, procedia-se á demolição tomadas todas as cautelas para impedir desastres e não embaraçar o transito, nivelava-se o terreno, fazia-se a demarcação dos lotes para venda em praça, quando não estavam já negociados por permutas, e logo a seguir começavam as reconstruções por conta dos particulares, ao mesmo tempo que a Prefeitura procedia ao calcetamento e arborisação. Foi assim que a nova cidade pôde surgir tão rapidamente transformada das ruínas dos velhos padreiros e dos escombros das antigas ruas.

Mas, além d'isto, conjuntamente com a abertura das grandes avenidas e o ampliamto das principaes arterias communicando os novos caes com o centro commercial da cidade destinada a ser conservada. Nivelavam-se as devidamente tambem a mais ruas e praças, aperfeiçoa-



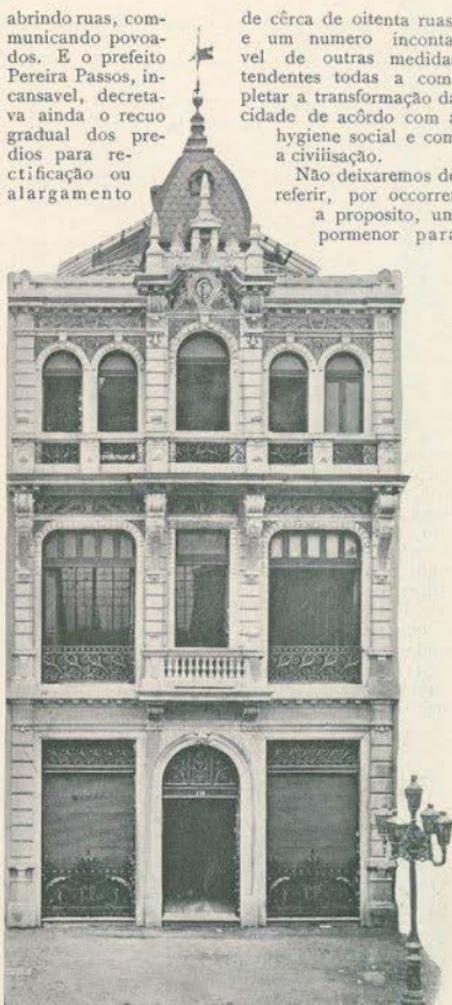
Predio n.º 116. Proprietario, Manuel Ferreira Serpa.
Architectos, Antonio Iamuzzi, irmão & C.ª

va-se o seu calcetamento, reformavam-se os jardins publicos e creavam-se outros, demoliam-se os velhos mercados para construir novos, introduziam-se, emfim, melhoramentos por toda a extensa zona suburbana, aqui construindo pontes e boeiros, ali

abrindo ruas, communicando povoados. E o prefeito Pereira Passos, incansavel, decretava ainda o recuo gradual dos predios para rectificação ou alargamento

de cêrca de oitenta ruas, e um numero incontavel de outras medidas tendentes todas a completar a transformação da cidade de acôrdo com a hygiene social e com a civilisação.

Não deixaremos de referir, por ocorrer a proposito, um pormenor para



Predio n.º 114. Proprietario, Antonio Maria da Costa.
Architecto, A. Morales de los Rios

nós particularmente curioso, das transformações do Rio de Janeiro. Em Lisboa foram contratados varios calceteiros, para irem construir os passeios das principaes ruas da capital brasileira, com a pedra miuda preta e branca que, em desenhos graciosos, se applica nos nossos calcetamentos, e que effectivamente produz tão bello effeito, constituindo uma interessante novidade para os estrangeiros que nos visitam.

Nas praças e jardins vão-se erguendo estatuas, e não devemos esquecer que para estas comemorações, na pedra e no bronze, o Brazil tem usado para com os seus filhos illustres de uma longanimidade que pode bem servir de exemplo. Os seus poetas, tão admiraveis de vigor e inspiração, não

tem sido esquecidos, e no Passeio Publico, por exemplo, ergue-se, já desde 1901, sob as palmas em leque de uma soberba *Latania*, o busto de Gonçalves Dias, o mais harmonioso cantor da natureza americana. Ali, no Passeio também, é que se construiu o aquario, que contém quatorze piscinas encerrando peixes, molluscos, crustaceos, echinodermos e zoophitos pertencentes á fauna marinha da bahia do Rio de Janeiro. E' o primeiro aquario da America do Sul, não tendo o Brazil querido ficar atrás de todas as cidades civilizadas da Europa, que hoje em dia possuem, e mantêm com particular disvello, estabelecimentos d'esta natureza.

Seria muito extenso, porém, organizar aqui uma lista, embora a fizéssemos bastante resumida, de todas as melhorias e embelezamentos realizados na capital brasileira. Ha tres seculos havia no sitio que ella occupa montes, varzeas, lagôas, praias, onde se armavam as tabas ou ajuntamentos das cabanas dos tamoyos, que eram então os dominadores do Guanabara. As ilhas desertas e recamadas de vegetação primitiva, o litoral formado de restingas, alagadiços, fozes de rios e abas de montes, e de longe em longe uma taba; os montes repetindo-se até á alterosa cadeia de montanhas do fundo, e de permoio charnecas, lagôas e mattas virgens: tal era o panorama que os nossos navegadores do limiar do seculo XVI contemplaram, quando aportaram á maravilhosa bahia que depois se chamou do Rio de Janeiro. Formou-se lentamente a cidade portugueza, que se fortificou, e foi crescendo, amontoando-se a população, a esmo, ao pé das egrejas cujo numero os jesuitas augmentavam constantemente. Até bastante tarde o Rio de Janeiro desenvolveu-se assim á revelia, e por

isso a parte antiga era verdadeiramente um aleijão secular, que finalmente desaparece.

E' espantosa a transformação realisada pelo Rio de Janeiro em tão pouco tempo. Concordam em dizê-lo quantos assistiram a ella, — como os que não reconheceriam quasi a cidade depois das vastas demolições e reconstruções realisadas n'estes ultimos quatro annos. E, infatigavel agora em embelezar-se, não reconhecendo limites para a sua ambição de se tornar a urbe moderna perfeita e inexcêdível, a grande capital da America do Sul prosegue tenaz n'esse fito, que lhe fica já bem pouco distante de uma realidade.

As suas magnificas avenidas, as suas construcções opulentas e monumentaes, — de que dão uma idéa as photographias que acompa-

nham este artigo, — garantem já ao Rio de Janeiro um logar proeminente entre as mais formosas e ricas cidades europêas e americanas. O que será, porém, a capital do Brazil quando tiver atingido o apogeo da sua grandeza e desenvolvimento? Eis uma pergunta a que não será facil responder.



Avenida Central, lado do oeste, entre as ruas 7 de Setembro e S. José



O PERCURSO DO RAID

CASTANHEIRA



Vista geral da povoação
—O sr. José Pulha na sua charrette

ANISAR da concorrência que lhe fez o automovel, não deve imaginar-se que o cavallo esteja condemnado a desaparecer. Sempre ha de haver trens, porque ha muitas pessoas que preferirão sempre, aos motores inanimados, um par de elegantes cavallos, e quanto ao cavallo de sella, esse, é evidente que nenhuma concorrência o pôde affrontar.

Já quando appareceram os caminhos de ferro se prognosticou a morte proxima do cavallo, e então pareceu que a sentença não devia ter appellação. Não se estava habituado a viajar senão a cavallo ou de deligencia, e parecia logico que, com o caminho de ferro, o cavallo de sella e de tiro viriam tornar-se inuteis. Ora, pelo contrario, o resultado do caminho de ferro foi promover um augmento de circulação de deligenças e de carruagens nas estações.

Não é tambem d'esta vez que, com o automovel, o cavallo desaparecerá, pôde ter-se de antemão a certeza. De mais, o cavallo é a força de um paiz,

a sua principal força militar, porque, se é facil improvisar soldados de infantaria, não se improvisam do mesmo feitto cavalleiros.

Actualmente exigem-se, porém, qualidades mais aperfeiçoadas ao cavallo, e por isso os creadores se esforçam por toda a parte, com o maior desvelo, em obter productos seleccionados e superiores.

A criação hippica é sem duvida uma das mais interessantes occupações que ha no campo, mas que só deve ser exercida por quem dispuzer de gostos e aptidões especiaes. Quem não ama o cavallo não deve creal-o e é por isso que os francezes nunca deixam em materia hippica de repetir o seu conhecido pro-



Um bello exemplar de cavallo reproductor

verbio: *tant vaut l'homme et tant vaut la chose*. Além d'isso, qualquer resultado de valor importa sempre uma longa selecção, que precisa ser proseguida

em diversas gerações para se fixar definitivamente.

Assim, não admira que o sr. Palha Blanco seja um dos nossos mais distinctos creadores, e que a sua quinta de Nossa Senhora da Consolação das Areias, na freguezia da Castanheira, constitua uma das primeiras coudelarias do paiz.

A criação de cavallos na Castanheira é bastante antiga.

O illustre proprietario actual da quinta das Areias recebeu já em 1872, por herança de seu pae, o sr. Antonio José Pereira Palha, uma manada de eguas ribatejanas composta de castas d'esta região, da raça de Alter e da primorosa coudelaria do marquez de Niza, de origem luso-hispano-arabe. Nos dois annos seguintes adquiriu a maior parte da coudelaria da quinta das Janellas, que pertencera ao lavrador Faustino da Gama e era originaria da celebre coudelaria dos campos da Gollegã, pertencente ao afamado creador Saldanha, um pequeno grupo de eguas hispano-arabes e puras hespanholas da «Real Egua da de Aranjuez», e outro pequeno grupo de eguas da



tejano fixou a sua escolha definitivamente no cavallo peninsular, adquirindo, de então, reproductores nas linhas com predomínio do sangue arabe: Albardeira, Calça e Pina, Marquez da Conquista, Orloff, Alter, Zapata, etc.

E' á sua persistencia, desde ha trinta annos, na escolha dos reproductores dos sangues citados, em que prevalece especialmente o arabe, que o sr. Palha Blanco attribue vantagens e melhoramentos que fazem tão notavel e afamada a sua coudelaria. E' ao sangue arabe, figurando em larga escala em todos os cruzamentos, que se deve, na sua opinião, o bom character dos productos que



antiga coudelaria do conde de Sobral, anteriormente ao cruzamento da raça ingleza que ainda hoje mantém.

Até 1877 o sr. Palha Blanco realisou cruzamentos com diferentes reproductores de varios sangues, convencendo-se, então, pela experiencia d'esses cinco annos, de que tinha dois caminhos a seguir:—o arabe puro ou o peninsular que maior percentagem tivesse d'aquelle sangue. Obteve, por isso, dois arabes, que deram, contudo, insignificante resultado devido á sua avançada idade. De um d'elles nasceu, em todo o caso, a egua *Tarambola*, que deu origem a uma familia do sexo feminino de quatorze individuos, dos quaes o sr. Palha ainda conserva onze. A *Tarambola* morreu com 24 annos e com a gloria de não ter deixado um unico producto mau, criando nos ultimos tres annos tres mares de excellente qualidade.

Desde 1878 o insigne creador riba-



Egua e poldro

— Duas eguas e um poldro

— Cavallo «Valoroso»



tem sido premiados e vantajosamente distinguidos em todas as exposições agrícolas e híppicas a que tem concorrido, a sua especial aptidão para o serviço de sella e também de tiro ligeiro, a sua incontestável solidez, resistência no trabalho, velocidade no andamento, sobriedade, a boa configuração e as formas distintas.

Na coudelearia da Castanheira existem presentemente 150 eguas e tres magníficos reprodutores, que são o *Valoroso*, o *Cartujano* e o *Zeloso*. O primeiro é filho do *Romero*, de pura raça zapata, e da egua *Valorosa*, da coudelearia Miura, e neto do *Jardineiro*, zapata da raça



Colero, uma das mais notáveis, se não a mais notável, de Jerez. Obteve a medalha de ouro na exposição da Tapada de 1906. O *Cartujano* é de pura raça hespanhola, da mesma origem do *Romero* e do *Jardineiro*, possuindo grande corpulencia e formas muito semelhantes aos Hackneys. O ultimo, o *Zeloso*, hispano-portuguez da linha zapata, é filho do *General*, zapata puro, e da egua *Maravilha 2.ª*. Este bello animal, que recebeu a medalha de prata como cavallo de sella em 1906 na exposição híppica da Tapada, tem oito irmãos, um no regimento de artilheria, onde se tornou notavel pela facilidade no salto em al-

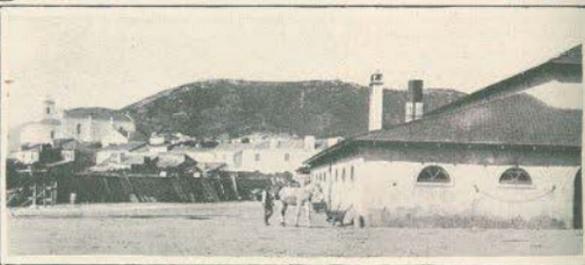


Manada de eguas no rio—O sr. José Pereira Pulha Blanco—Outro aspecto da manada no rio



tura, outro pertencente a um distincto official do estado maior, um terceiro que foi ha pouco vendido para o Brazil por alto preço, e os restantes cinco de tiro, todos considerados notaveis pela sua agilidade, força e resistencia; e, além d'elles, uma irmã que obteve na mesma exposição, em grupo, uma medalha de ouro, e n'outro anno, sósinha, uma medalha de prata.

O pae do *Valoroso*, o *Romero*, de pura raça zapata, pertencera já ao sr. Palha Blanco. Fôra comprado ao



Egua «Maravilha 3.^a»
— Instalações agrícolas da quinta das Areias
— O «Valoroso»

ministerio da guerra hespanhol por excepcional concessão feita ao conhecido e acreditado creador sevillhano D. Antonio Miura. A sua photographia, que reproduzimos, foi tirada poucos dias antes da morte, em agosto de 1906, quando o *Romero* contava 16 annos, e conservava, além de todos os caracteristicos da descendencia arabe, as linhas e a vida proprias de um cavallo novo, elegante, e cheio de força.

Os poldros da coudelaria da Castanheira tem sido sempre adquiridos pela guarda municipal de Lisboa, excepto este anno em que foram comprados pelo ministerio da guerra.

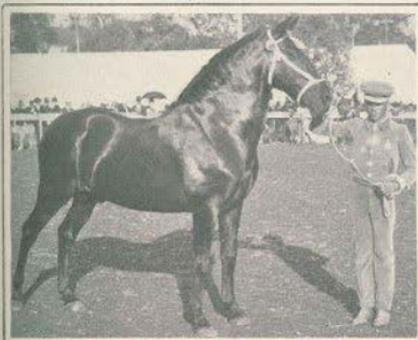
Tal é a organização da coudelaria da Castanheira, um raro exemplo de intelligencia e de tenacidade no nosso paiz, onde a producção hippica tem sido sempre descuidada desde os mais remotos tempos e ainda hoje não alcança a importancia que deveria assumir.

Chegámos, n'um periodo, a ter manadas equinas famosas, como as de Raphael José da Cunha, marquez de Castello Melhor, duque do Cadaval, conde de Sobral e as de outros creadores importantes. Quasi todas se dispersaram, porém, e a criação de cavallos decahiu de novo em Portugal depois de um transitorio flo-

rescimento, por não encontrarem os lavradores incentivo compensador para os seus esforços e sacrificios.

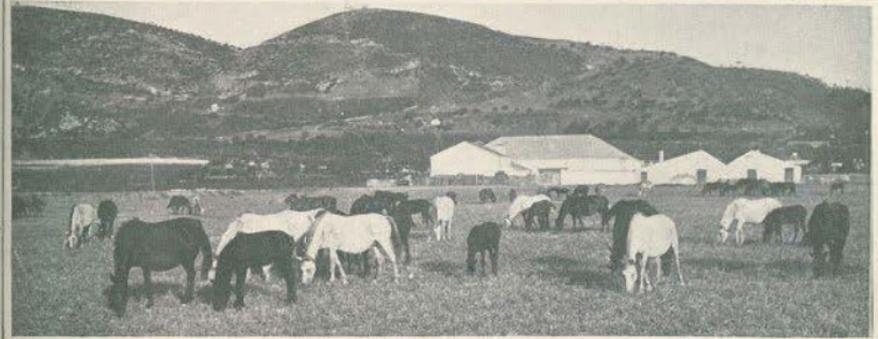
Nos ultimos tempos é que tem começado outra vez a impulsionar-se a industria hippica nacional, e devemos contar que o duplo Raid promovido pela *Illustração Portugueza* terá n'este sentido uma valiosa influencia. O que já está realisado pelo sr. Palha Blanco, e por mais alguns poucos, bem raros criadores, merece, porém, ser posto em evidencia com incondicional elogio.

Sem querer tirar do facto qualquer illação, que evidentemente não compete ao caracter da nossa revista, não devemos, em todo o caso, deixar de acentuar que, depois dos primeiros ensaios de diversos sangues, o distincto lavrador chegou ao convencimento de que convinha dar a preferencia ao cavallo peninsular das raças em que predominasse o sangue arabe, para reproductor. Os seus productos, possuindo claramente, dos cavallos orientaes de que proveem, a vivacidade, energia e vigor, a elegancia dos movimentos e a distincção e nobreza do porte, parecem dar prova cabal do acerto de tal preferencia, e o que tambem parece, na realidade, é que o cavallo arabe é o que melhor se harmonisa, sob o ponto de vista zootechnico, com as nossas condições de



clima e circunstancias economico-agricolas. Pelo que toca ás suas qualidades limitamo-nos a dar a palavra a um apreciador competente: «Os que são verdadeiramente nobres, verdadeiras essencias hippicas, no dizer de Gayot, reúnem á belleza de suas fôrmas o seu caracter ativo e audaz, que tanto resplandece de orgulho no meio da

lucta e dos perigos; a amizade e extrema dedicação para com os seus donos é proverbial, e difficilmente se deixarão montar por outros individuos; emfim, os cavallos de raça, além d'outras qualidades, partilhando das alegrias e desgostos de seus cavalleiros os ajudam no combate, combatendo tambem e fazendo causa com elles.»



*Regressando do manadio—O «Cartujano», de pura raça hespanhola—O cavallo «Romero», de pura raça zapala
—O «Cartujano» trolando—Manada de eguas apoldradas*

FESTAS POPULARES AS FESTAS GUALTERIANAS EM GUIMARÃES



S. Gualter é santo de particular devoção em Guimarães, que todos os annos o festeja com enthusiasmo.

E' de saber que o santo era filho da nossa terra e pertenceu ao convento de S. Francisco do Monte, em Vianna, onde morreu no ultimo quartel do seculo XVI. Era



simples leigo, mas bom theologo, segundo afirma o *Agiologio Lusitano* do padre Cardoso. Além d'isso, tinha «celestiaes extasis», e recebeu até revelação do seu transitto, porque tres dias antes do passamento mandou preparar a propria sepultura, a qual quiz experimentar varias vezes, mettendo-se sempre n'ella

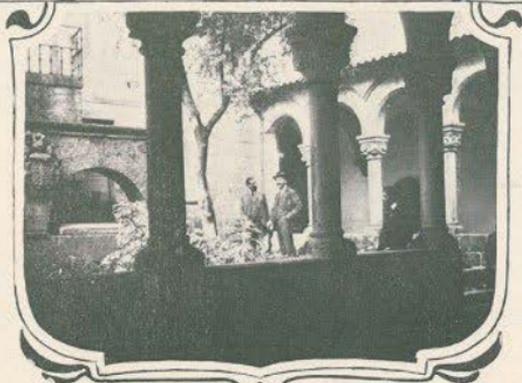


A comissão de remonta medindo um cavallo—Jardim do Toural—Velho castello—Grande. Hotel do Toural—Largo D. Afonso Henriques



com evidente satisfação e grande alegria. Quando achou afinal bem afeiçoado o leito, accommodou-se n'elle definitivamente, proferrindo estas ultimas palavras, conforme a versão do seu citado biographo: «Pelejado hei, Senhor, como bom cavalleiro, seguido hei vosso estandarte. A vós devo tudo, e a vós, Senhor, o torno. Vamos, Senhor, vamos a gosar d'esses bens que promettestes aos que bem peijassem.» E adormeceu serenamente na morte, com a calma da fé d'aquelles tempos.

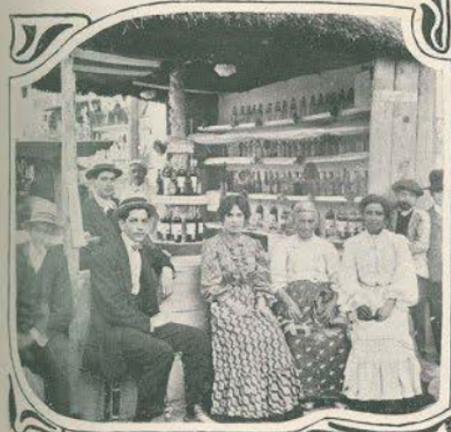
No grande exercito que forma a cohorte dos



santos da egreja catholica, S. Gualter não representa uma personalidade de grande evidencia mundial, e os Bollandistas não lhe consagram mesmo dedicada escriptura; mas para nós, seus compatriotas, é natural o termo em especial conta, tanto mais que os santos nados no solo portuguez não são em grande numero. Até, comparados com os navegadores da nossa epopeia, formam uma minoria escassa, pare-

cendo que o terreno nacional foi mais prolifico de heroismo do que de santidade.

Seja como fôr, o certo é que S. Gualter me-



Uma janella original—Capella onde se baptisou D. Affonso Henriques—Claustro de Nossa Senhora da Oliveira
—Uma barraca de refrescos—Manuel Casimiro e fuho na ida para a corrida



rece a especial predileção de Guimarães, a importante cidade industrial do Minho, que anualmente o commemora com tradicionaes festas populares, a que d'esta vez imprimiu um excepcional brilhantismo, fazendo coincidir com ellas uma imponente festa da cidade, promovida pela sua Associação Commercial. Compreenderam, por isso, as festas gualterianas d'este anno feiras de gado cavallar e bovino, o arraial costumado, tourada, exercicios e *retraite* de bombeiros, tiro aos pombos,



concerto pela banda da guarda municipal de Lisboa, vistosas illuminações, todo o grande apparato de uma verdadeira festa local, a que não faltou sequer a comparencia de Sua Magestade El-Rei em um dos seus dias de mais intenso movimento.

Escusado será accentuar a intuitiva conveniencia de que nas outras terras portuguezas em que tem sobrevivido as festas antiquadas do povo, o bello exemplo dado por Guimarães seja seguido.



Bancada de sombra (esquerda) — Bancada de sombra (direita) — Estatua de D. Affonso Henriques — Toural — Campo da feira

DE CINTRA Á FIGUEIRA S. A. O INFANTE D. MANOEL FAZ O PERCURSO A CAVALLO



O nosso photographo, que acompanhava o delegado da *Illustração Portuguesa* que anda percorrendo de automovel as diversas *etapes* do Raid hippico, demorou a sua passagem pela Figueira para poder esperar ali a chegada do sr. infante D. Manuel.

S. A. chegou áquella locali-



dade no dia 29 pelas 10 horas da manhã, tendo partido de Leiria ás 5 horas, e era esperado á entrada da ponte pelas autoridades e grande concurso de povo.

As photographias que reproduzimos mostram alguns detalhes d'essa chegada e da recepção.



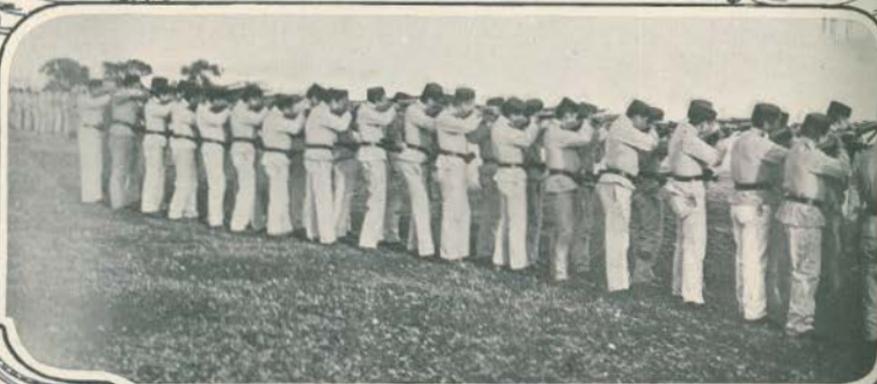
O sr. infante D. Manuel realisou na ultima semana um interessante e pittoresco passeio a cavallo de Cintra á Figueira, sendo acompanhado pelo sr. visconde d'Asseca (Salvador).

Na Figueira, como em Torres Vedras, nas Caldas e em Leiria, em todas as *etapes* do percurso Sua Alteza foi affectuosamente acolhido pelas populações, sendo sempre bastante victoriado.



VIDA MILITAR

A revista militar dos reservistas no Hippodromo de Belem



Fogo em linha de atiradores—Em marcha—Fazendo pontarias

(PHOTOGRAPHIAS DE A. NOVAES.)

ESPORTS

UM DESAFIO DE NATAÇÃO



Campeonato de natação em Pedrouços: Francisco Marçal, o vencedor dos dois campeonatos
—Grupo de nadadores que tomaram parte nos campeonatos
—Na praia, assistindo às fases do desafio

(PHOTOGRAPHIAS DE A. NOVAES)

MEMÓRIAS DO Chete Jacob

(CONTINUADO DO N.º 80)

Isto fazia-se na Baixa, de dia, a toda a hora. Andavam agentes na descoberta e não conseguiam apañar os sujeitos.

Ora um dia veio um rapaz lá de Mondim — da minha terra — a quem fizeram o mesmo. Queixou-se-me a chorar.

Pensei um bocadinho e exclamei:

— Deixa, lá rapaz, que d'esta vez elles vão encontrar homem!...

Vesti um fato de provinciano e andei dois dias na cidade a olhar para as montras e para as esta-

tuas! Nada! Os homens não appareciam! Entrei a reccar que me conhecessem... Mas não... Não calhava! Até que um dia, estava eu a vér a estatua de Camões, senti que me batiam no hombro.

Veiu logo um homem d'esta vez muito bem vestido, conversámos. Já estavamos como amigos velhos! Palavra que cheguei a desconfiar que me enganára e o acaso trouxera em vez d'um gatuno um conversador.

D'aí a pouco apparece o outro:

— Olá! os senhores sabem dizer-me onde mora o sr. padre Guimarães?...

— Que não... Armámos conversa larga, fomos beber e chegou ao momento da mala...

Então puz-lhe a mão no hombro á saída da taberna, fui andando a vér se lobrigava um guarda e decidi-me:

— Sim! Vou pôr tudo que tenho na mala...

Eu fico com a chave!...

— Claro! bradaram radiantes. Fiz um sinal ao policia e elles muito admirados ao verem-no na sua frente, diziam:

— Que quer o senhor empregado?...

Encolli os hombros e respondi:

— Ora que ha de querer! Que eu tenha a chave do calabouço onde os vou metter em vez da chave da sua mala!...

Empallideceram e ao entrarem na prisão olhavam-me com o rancor natural do quem vae buscar lá e volta to-quiado!...

Revistei-os. Tirei-lhes tudo. Tentos de latão, di-

nheiro, ouro e da dobra dos seus chapéus os seus cartões de identidade.

— Cartões de identidade?!

— Sim... Um pedaço de papel onde se lia:

«*Cafers*.—Devem ter chegado a Lisboa os *cafers* Eduardo Mezier e Ernesto Mezier, Manuel d'Oliveira Socegado e Joaquim Ferreira, que se evadiram da fortaleza de Santa Cruz.»

Os portuguezes já eu tinha bem fechados e pelos corretores dos hoteis cheguei aos italianos a quem preendi no hotel Brazil!... E aqui tem como os ladrões ás vezes veem ter com os policia!...



Pelos corretores de hoteis cheguei aos italianos

Contou aquillo d'um folego, soltou uma gargalhada e tornou:

— Ouça agora a historia comica d'um grande figuraõ:

O REI DOS GATUNOS e ALTA PROEZA DO JACOB e O FARO POLICIAL

Havia um homem respeitavel e rico que andando a passear no Campo de Sant'Anna viu um sujeito vestido como um *lord* que exclamava:

— Mas não me engano!... Oh! que prazer!...
O senhor é Francisco da Cruz!...

— Sou, e v. ex.^a...

— Pois não me conhece!... Ora estou mudado,
é certo... Foram as bexigas!... — e apontava a
cara sympathica e bexigosa. Pois eu sou o primo
do seu genro... Sou o dr. Adriano Felgueiras Pei-
xoto!... Pois não se recorda quando estive em
Vianna!

Até por signal a sua senhora ao subir para o
comboio perdeu um medalhão de valor!

— E' verdade!... Já não o largo, meu querido
amigo, e como vae o meu genro?!

— Está optimo!... Maravilhosamente!...

Logo ali o con-
vidou para jantar.
O outro aceitou.
Houve festa em ca-
sa: as filhas e a
mulher do Francis-
co Cruz acharam
o doutor muito
mudado, mas em-
fim... fóra das be-
xigas!...

Tornou mais ve-
zes. Disse que se
ia retirar e faltava-
lhe dinheiro para
umas compras. O
outro teve um em-
baraço. Mas o dr.
Felgueiras pediu-
lhe uma boa quan-
tia e elle empre-
stou-lh'a. Nunca
mais appareceu.
Escreveu ao genro,
que lá de Vianna
mandou dizer que
o doutor não viera
a Lisboa, e o Fran-
cisco Cruz berrou:

— Estou rouba-
do! Não ha policia
n'esta terra!...

Contaram-me o
caso e eu immen-
so com aquelle ho-
mem elegante que
assim o enganára.

Mal julga quem
era! Fui eu quem
teve a gloria de o
prender pela primeira vez!... Era o mais celebre
dos ladrões!...

— E como o prendeu?! perguntei ansiosamente.

Jacob respondeu:

— Porque nunca gostei d'ouvir uma pessoa a
falar muito na sua posição, no seu dinheiro, na sua
grandeza!...

S. EX.^a O SR. PHYSICO-MÓR  UMA PARTIDA
DE D. GIRALDINHA  O BIGODE E O MES-
TRE DA POLICIA  ULTIMA PROEZA

Um dia — continuou o chefe Jacob — foi já em
maio de 85, houve um incendio no largo do Metello.

No meio do povo havia um homem bexigoso e ma-
gnificamente vestido, a falar em condes, marquezes,
estações d'aguas, a gesticular, a clamar. Todos o
olhavam e elle n'um momento exclamou:

— Vou ajudar a salvação! Eu sou bombeiro vo-
luntario de Vianna do Castello!...

Bati-lhe no hombro:

— Eu sou o Jacob!...

— Qual Jacob?! — interregou a olhar-me com
um ar superior.

— Um policia de Lisboa... E pedia a v. ex.^a o
favor de me acompanhar ao commissariado...

— Eu! mas sou o filho do governador civil de
Vianna!

— Perdão...
V. ex.^a vem com-
migo! — bradei em
voz alta.

— Seja!

Foi. O commis-
sario interino, dr.
Francisco Paula
Santos, fechou-se
com elle no gabi-
nete e falaram mu-
ito. Já os ouvia rir.
Por fim a porta
abriu-se. O com-
missario dizia:

— E' um enga-
no! V. ex.^a vae
sahir!...

Eu dei um salto
e elle, com ar car-
rancudo, disse-me:

— O' Jacob, você
sabe quem prendeu?!...

— Para o saber
é que eu trouxe
esse cavalheiro!

— Olhe que vo-
cê entala-se! Elle é
filho do governador
civil!...

— Perdão, meu
commissario...
Deixe-me levar-o a
passar um pouco
ali ao Campo de
Sant'Anna!...

Fomos. Mandei
avisar o Francisco
Cruz para vir ver

o homem, que me dizia n'um tom superior:

— Que ando eu aqui a fazer para traz e para
deante?!...

— Já vae ver, meu amigo!

Na sua frente, o Francisco Cruz dizia-lhe:

— Olá sr. dr. Felgueiras... Ditosos olhos!

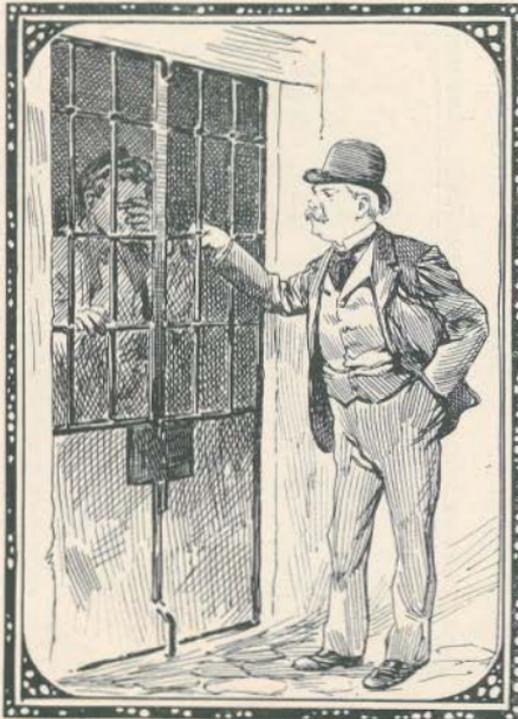
O janota estremeceu:

— Perdão! Eu não conheço v. ex.^a...

— Mas este senhor não teve bexigas — disse-lhe a
rir á gargalhada.

Assim o venci; assim o levei á esquadra e o com-
missario ao vér-nos veio logo para mim:

— Não sei para que foi isso!



O Bigode quando eu o fui interregar á cadeia de Almada

— Sei eu! Este senhor que diga a v. ex.^a como se chama!...

— Quem era? — perguntei eu muito interessado.

— O mais celebre dos ladrões! Já sabe?! O *Phy-sico-mór!*

Foi assim que eu tive a gloria de o prender pela primeira vez!...

Quando elle acabou de pronunciar estas palavras e as sublinhou com uma risada, eu disse-lhe:

— Nunca julguei que na sua vida de policia houvesse casos facetos.

— Meu amigo... como os actores que fazem rir

e chorar assim fui eu... Narrei-lhe a tragedia agora foi a farça...

Olhe aqui tem outro caso de rir.

Agora tinha como uma vontade enorme de desfazer as impressões terribes que me deixára a primeira parte da sua narrativa em que eu sentira bem quanto havia de perigoso para os criminosos em semelhante inimigo.

Queria com o seu faro alegrar a conversa e deixar-me uma boa impressão no espirito com as suas historias comicas.

— Olhe que eu tenho amigos entre os ladrões!...

Cada qual no seu officio! Quando havia lucta, luctava-se; quando não faziam mal, esperava que o fizessem. Entre os que mais me apoquentavam estavam o *Pera de Satanaz*, que me detestava, e a *Giraldinha*, que acabou por ter um grande medo de mim! Eu chegava e ella, como se tivesse a certeza que não lhe valia negar, confessava tudo. Via-a;

deixava-se prender e muitas vezes na cadeia lhe dei de comer... Pobre rapariga! Fazia endoidecer a policia e a mim mesmo me fez uma grossa partida! Quer ouvir?...

Era a primeira vez que o chefe Jacob ia falar d'algum criminoso que se tivesse divertido com elle. Era uma mulher! Para demais era uma mulher!...

— Um dia a *Giraldinha* foi a casa d'uma inculcadeira de creadas, que era minha conhecida e disse-lhe:

— Eu sou uma sobrinha do chefe Jacob! Careço de arranjar casa! Venho da terra, e elle, como não me pode lá ter em casa, disse para eu ficar aqui uma noite! A pobre mulher logo a recebeu; ouviu-a contar historias a meu respeito, riu-se, gostou da

rapariga e escusado será dizer que na manhã seguinte appareceu roubada e deu pela fuga da minha supposta sobrinha.

Passou no commissariado e contou-me o caso. Eu ri a bandeiras despregadas e a inculcadeira, n'uma furia enorme, bradou:

— O senhor ri-se! Eu fiquei sem as minhas cousas!

— Vamos a vér! Você sabe quem teve em casa!?

— Uma rapariga que não era feia! Que ladra! E disse ser sua scrinha! Ora abi tem!...

— Oh! mulher! Quem você lá teve foi a *Giraldinha!*

Ella benzeu-se, ficou aterrorisada com aquelle nome celebre e eu desde logo mandei em busca da rapariga que não devia andar longe.

Um dos guardas encarregado da diligencia appareceu e disse-me logo ao fim da tarde, todo entusiasmado:

— O sr. Jacob... Aquella familia da moeda falsa... Sabe?! Chegou hoje! Está na calçada do Marquez d'Abrantes, n.º 45... E' a occasião de a caçar!

Julguei que o homem tinha endoidecido; nos seus olhos havia um brilho desusado. Todo elle tremia de prazer. Eu não tinha entre mãos nenhum caso de moeda falsa e encarava-o de véras espantado...

— Sim, meu chefe, é lá ir caçal-a!

— O' homem: que queres tu dizer com isso? Não percebo!

— E' o caso da moeda falsa!

— Vae para o diabo! Quem te mettu esse na cabeça?!

— Ia eu ali na calçada

do Marquez d'Abrantes á procura da *Giraldinha* quando ella appareceu!...

— Bem! E depois? — perguntei-lhe já sem me poder conter...

— Vem para mim e disse-me: «Ora ainda bem que o encontro. Você vá já a correr, mas já, não perca tempo... Vá dizer ao sr. Jacob que aquella familia da moeda falsa está ali na calçada do n.º 45... Que venha depressa... Eu fico cá á espreita...» E eu não perdi tempo... Vim logo!...

— O' homem você é doido! — gritei com um murro na meza. — Pois você não vé que a *Giraldinha* o intrujou!

— Ah!...

Tive dó d'aquella cara, d'aquella bocca aberta, d'aquella desgraçado que me dizia.



Jacob! Heide fazer-te chefe, disse o commissario

— Ah! a cabra! Ah! a maldita! . . .

Ensinei-lhe então onde a havia de procurar e fui com elle.

Agarrei-a n'uma hospedaria que ella frequenquentava:

— Viu-me e viu o outro! Ficou serena! Abriu os braços e com uma gargalhada disse:

— Oh! meu tio Jacob! . . .

— Vamos, sobrinha, agora não tens só casa! Vaes tambem ter cama e mesa! . . .

E o policia seguiu-nos de cabeça baixa a resmungar:

— Oh! a maldita! Oh! a patifa! . . .

Ella, com o ar superior d'uma ladra que preza a

sua arte nem lhe respondeu e começou a conversar commigo ácerca d'um homem que a fazia andar perdidinha de amores . . .

Ah! era muito forte! muito esparta! Fui eu quem lhe arranjou a Africa! . . . Mas que quer?! . . . Antes de mais nada sou policia!

Por isso lhe vou contar o meu ultimo caso, um em que não ha habilidade nem valor, um que me entregou o criminoso que o *Bigode* conheceu, apenas porque eu com bondade e sem querer fiz policia.

E' um triste caso mas já temos rido em demasia. E quero fechar estas recordações com aquella que ainda mais me punge e que o *Bigode* quando eu,

já reformado, o fui interrogar a pedido do juiz de Almeida me atirou á cara como se quizesse castigarme. Oh! Esse *Bigode*. . . O que elle me disse! Fez a minha biographia com meia duzia de palavras.

Jacob ficou um momento pensativo e assim foi concluir a narrativa das suas recordações.

Foi n'uma fabrica no Poço do Bispo onde trabalhava então o que mais tarde devia ser o celebre *Bigode*, que se deu esse caso do qual não me posso recordar sem pena. Um operario dera uma bofetada n'outro alcunhado o *Galinholo*. Este não era de mais fingidos, mas ficou-lhe a roer o desacato. E então, á tarde, á sahida do trabalho, esperou o

outro e matou-o. Foi uma balburdia. Ferira-o com a ferramenta do officio e desaparecera.

Quando a policia foi prevenida já o homem devia estar longe. Eu fui encarregado da diligencia e comecei a procural-o na casa, onde morava, lá para Challas, n'um sitio ermo, onde fui dar com a mulher d'elle, acabrunhada, para um canto a chorar desesperada.

Havia uma creancinha loura a brincar n'aquella desordem da casa. Não tinha que pôr ao lume a pobre da mulher; os olhos vermelhos de chorar mais cheios de lagrimas ainda se tornaram quando lhe perguntei pelo marido. Sentia cá dentro como um desespero deante d'aquella miseria. E vae — eu

tambem tinha pouco e sabia o que é isto de desgraças — e dei-lhe uns tostões. Sahi; vim a ruminari no caso.

Dentro de mim o velho instincto de policia parecia adormecer deante das lagrimas d'aquella mulher. Pobresita!

E havia de tornar ali, procurarlhe pelo marido, arranjar um ardil para lhe deitar a mão?! Só agora taes escrúpulos me chegavam! Só agora! E porque?! Porque não vira chorar as outras, porque não vira os filhos d'aquelles que prendera, ou porque julgava attenuação pela provocação o seu delicto?! Não sei! Ainda hoje o não sei!

E' certo que voltei mais vezes, sempre a horas

certas, como se receasse vel-o ali de noite comendo a furto as sopas que a desgraçada comprava com o que lhe deixava, cada vez que ali ia.

Era uma diligencia morosa que admirava os superiores e eu sempre cheio de dó. Mas uma noite resolvi-me. Era necessario agarrar o *Galinholo* e ás voltas na cama decidia-me a saltar do leito e ir procural-o. Mas não sei porque fiquei ainda. Dei-xei para a noite seguinte, contra o meu costume, aquillo, que n'aquella noite mesmo podia fazer.

Dormi um sonno tão agitado, como talvez o do proprio criminoso.

(Conclue no proximo numero)

ROCHA MARTINS.



Giralzinha

CONCURSO DA PRIMAVERA

A EXPOSIÇÃO DOS ALBUNS ARTÍSTICOS



Aspectos da exposição realizada na sala da «Ilustração Portuguesa»

(PHOTOGRAPHIAS DE BAPTISTA NOGUEZ)

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!! **Fazemos nascer** cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. **Garante-se que não é nocivo.**

Remette-se com muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deves-nos a barba horta e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso **balamo Mootoy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande inventor recorreu a nós pagando o nosso auxilio e não recorreu de balde!**

Homens notáveis e não notáveis, todas nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os países da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia é o nosso **Mootoy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **Mootoy** é de 2545 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de a porções.

MOOTOY DEPOT Dittmar Koelster, 3, Hamburgo, 133. **Quil** e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa



toda a discreção e uma para a barba e outra para o caello, tem o preço especial de **4\$420 réis.**

Com cada porção vai um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador **300\$000 (trezentos mil rs.).**

Para prevenção contra as imitações e falsos remédios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootoy.**

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

Discos SIMPLEX

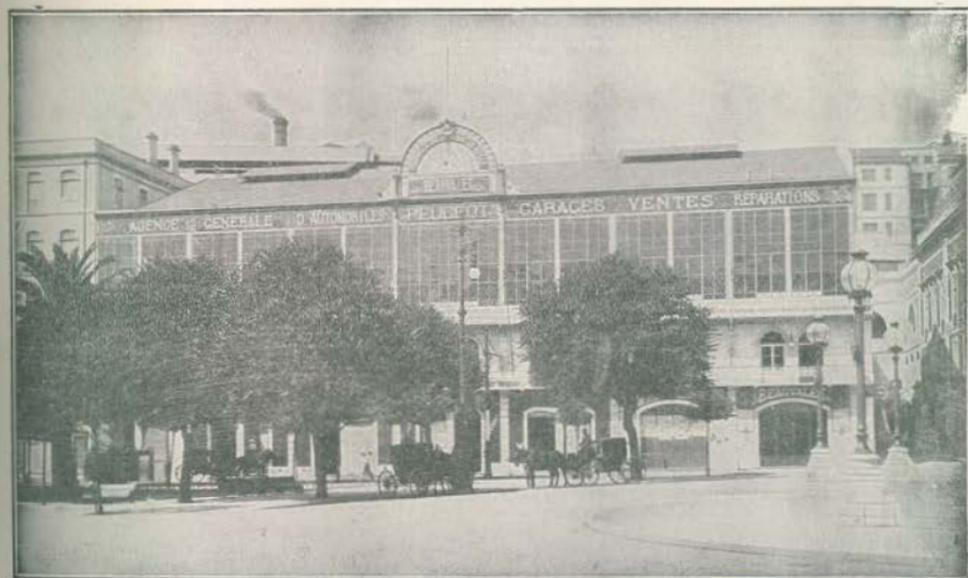
De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais **variado e moderno repertorio** em musica e canto dos melhores auctores **nacionais e estrangeiros.** Marca registada, propriedade exclusiva de **J. CASTELLO BRANCO.** Preços excepçionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. **Grande deposito de discos e machinas falantes.** **FEDIR CATALOGOS a**

J. CASTELLO BRANCO

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS. PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua da Prata, 59, 1.^a, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivê o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.^a**

RUA DA PRATA, 59, 1.^a - LISBOA

Farinha lactea

Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

Dotações de creanças de 1 aos 15 annos



Sociedade de Seguros mutuos SOBRE A VIDA

Sede social: RIO DE JANEIRO — Filial em Portugal: Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusiv e a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.

Vice-presidente: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.

Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga Reis Torgal, Advogado.

Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

Gerente: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro unicamente adoptado pela Equitativa

DOTAÇÕES DE CREANÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amella Marques da Costa Barros, Porto.....	1:000\$000	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa.....	1:000\$000
20070 — Dr. João Maria da Costa, Alpiarça	1:000\$000	21539 — José Antonio Rodrigues, Bombarral.....	1:000\$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa	1:000\$000	22050 — João Garcia Augusto, Estremoz.....	1:000\$000
20899 — José João Telhada, Santarem	1:000\$000	20508 — José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha	1:000\$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça	1:000\$000	21956 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa,	Cantanhede
20330 — Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz	1:000\$000		1:000\$000
20755 — José Fernandes Rodrigues, Lisboa	1:000\$000	22173 — Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas	1:000\$000
20851 — Abilio de Mattos, Ponte de Lima	1:000\$000	21508 — Manuel Lopes Varella, AVIZ.	1:000\$000

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidas á

Filial da EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º - LISBOA